

DE OLHO NA TECNOLOGIA

» DIEGO AMORIM

Zuleika de Souza/CB/D.A Press - 15/12/11



Um dos principais pilares da economia brasileira, a indústria ainda caminha a passos lentos no Distrito Federal. Sem um parque fabril consolidado, o setor representa hoje apenas 10% do Produto Interno Bruto (PIB), a soma de todas as riquezas produzidas no DF. Sem competitividade para atrair montadoras de veículos ou siderúrgicas, por exemplo, a indústria brasileira, que movimentava R\$ 14 bilhões por ano, aposta no segmento de tecnologia da informação para se expandir e, dentro de 10 anos, representar 15% do PIB.

Segmentos como os de tecnologia da informação (TI) e de alimentação devem alavancar o faturamento e consolidar a vocação de Brasília para indústrias não poluentes. Pequenas e médias empresas conquistarão espaços ainda vagos nas saídas Norte e Sul da cidade e o Entorno passará por um processo mais acentuado de industrialização, com destaque para o eixo Brasília-Anápolis-Goiânia, que deve finalmente sair do papel. A ampliação fará a soma de empregos criados pelo setor pular dos atuais 120 mil para algo em torno de 200 mil, um crescimento superior a 60%.

De acordo com especialistas ouvidos pelo **Correio**, a atração de empresas para o DF seguirá critérios mais seletivos. Até 2022, menos de 20 indústrias de grande porte desembarcarão na capital. Fábricas com menor estrutura terão margem maior de crescimento, puxando o total de empresas do setor para 6 mil — hoje são cerca de 4,8 mil. Muitas delas tentarão atender à crescente demanda por materiais de saúde, como luvas e fios cirúrgicos, atualmente importados de outros estados e países.

Para que todas essas projeções otimizadas se concretizem, Brasília precisará fazer o dever de casa, a começar pela solução de gargalos na infraestrutura de transportes e de energia. Não adiantará expandir a demanda se não houver caminhos para escoar os produtos. Além disso, o governo será pressionado a resolver imbróglis fiscais e aliviar a burocracia na captação de recursos do Fundo Constitucional de Financiamento do Centro-Oeste (FCO).

Mão de obra

No desafio para tirar a indústria brasileira da posição de coadjuvante, os empresários também assumirão papel importante. Nos próximos anos, os investimentos em tecnologia ganharão força e a mão de obra tende a ser cada vez mais terceirizada. “Vamos otimizar os centros de produção, adequando os espaços ao conceito de sustentabilidade”, afirma o presidente do

Leandro Souza, que comanda uma indústria moveleira há mais de uma década: “Diferentemente dos últimos 10 anos, agora a empresa vai crescer com planejamento”



Valor movimentado pela indústria local no ano passado, o equivalente a 10% do PIB do Distrito Federal

Sindicato das Indústrias da Madeira e do Mobiliário do DF (Sindimam), José Maria de Jesus.

Com mais equipamentos de ponta, a fabricação de móveis no DF tende a crescer e passar a abocanhar entre 10% e 15% do mercado interno. Hoje, não supera os 6%. Leandro Souza terá, em 2022, 54 anos e a indústria moveleira comandada por ele, 23. Ao expandir as vendas para lojistas de Brasília e de estados vizinhos, ele espera triplicar a

produção e, consequentemente, o faturamento. “Diferentemente dos últimos 10 anos, agora a empresa vai crescer com planejamento”, afirma.

O segmento do vestuário torce para que, em 10 anos, as feiras do DF estejam mais regularizadas e, assim, a indústria local enfrente menos resistência para aumentar produção, focada no talento dos estilistas brasileiros e na força do mercado de uniformes. “Teremos plenas de condições de produzir entre 30% e 40% do que é consumido em Brasília”, prevê o presidente do Sindicato das Indústrias do Vestuário do DF (Sindiveste-DF), Paulo Eduardo Ávilla.

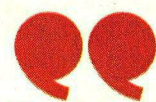
O segmento aposta ainda na profissionalização das fábricas, pois só assim a indústria local ganhará competitividade para aumentar suas exportações. “Quem não se qualificar para atender às demandas de um público consumidor cada vez mais exigente estará fora do mercado”, afirma o presidente do Sindicato das Indústrias de Alimentação de Brasília (Siab), Paulo Sérgio Lopes, representante das 1,3 mil empresas espalhadas pelo DF.

A quantidade de padarias não deve variar muito, mas elas ampliarão os espaços para oferecer muito mais que pão e leite. Lopes aposta em panificadoras ainda mais completas, com opções de almoço, lanche, jantar e produtos de mercearia nas prateleiras. Para abastecer as lojas, os industriais vão precisar de centros de distribuição melhor estruturados.



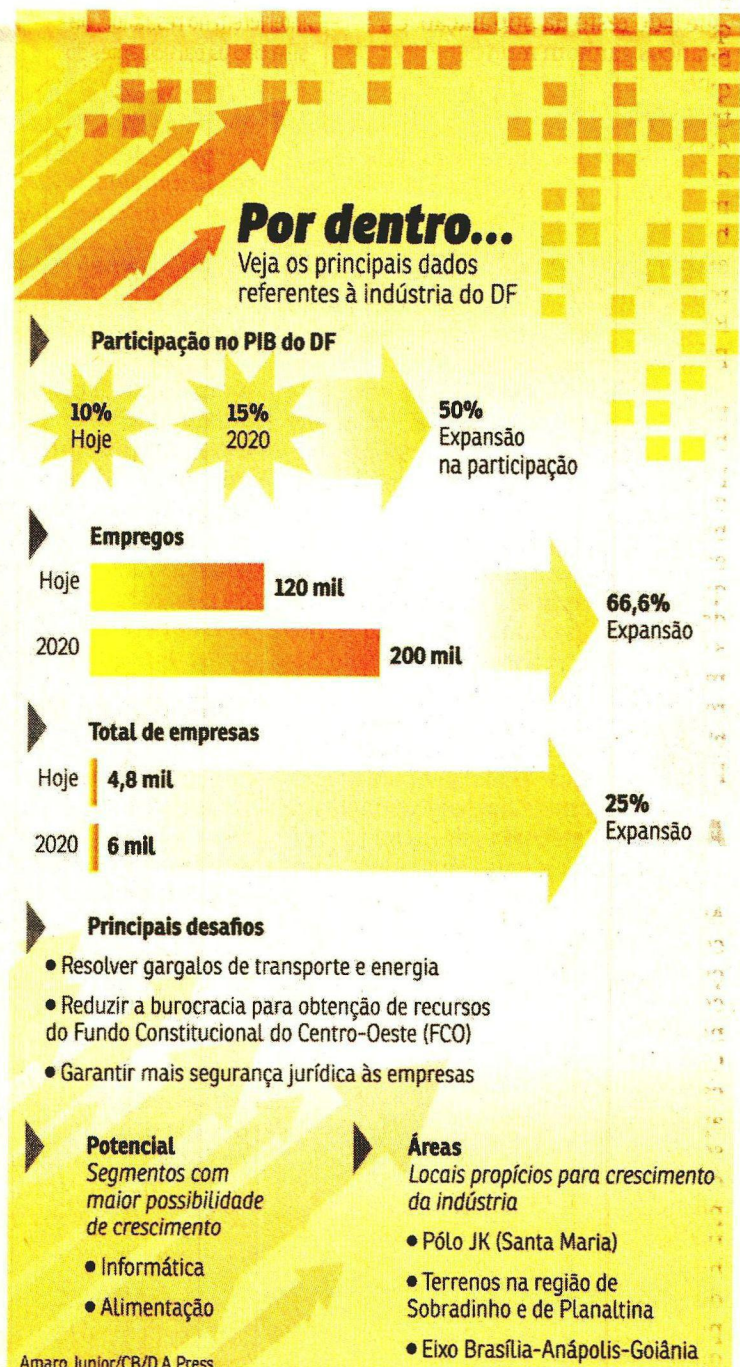
Teremos plenas de condições de produzir entre 30% e 40% do que é consumido em Brasília”

Paulo Eduardo Ávilla, presidente do Sindicato das Indústrias do Vestuário do DF (Sindiveste-DF)



Quem não se qualificar para atender às demandas de um público consumidor cada vez mais exigente estará fora do mercado”

Paulo Sérgio Lopes, presidente do Sindicato das Indústrias de Alimentação de Brasília (Siab)



CHANCE DE VIRAR POLO

A tecnologia da informação (TI) tem tudo para ser o segmento de maior destaque da indústria candanga em 2022. “Seremos o carro-chefe da economia de Brasília”, aposta o presidente do Sindicato das Indústrias da Informação do Distrito Federal (Sinfor), Jeovani Salomão. Se o Parque Tecnológico Cidade Digital avançar como se espera, há grandes chances de a previsão ser confirmada.

O avanço do mundo digital será cada vez mais rápido.

Pessoas e coisas estarão conectadas. E a nova realidade provocará uma demanda sem precedentes para a indústria de TI. O mercado exigirá empresas especializadas na produção e desenvolvimento de softwares. E o setor público continuará precisando de auxílio da iniciativa privada para cuidar de sua área tecnológica.

Só há dois caminhos, na avaliação de Salomão: ou Brasília permanecerá, daqui a 10 anos, dependente da tecnologia externa

e dos pedidos governamentais ou, com o **Parque Digital** implementado, se transformará em um dos polos tecnológicos mais importantes do país. Os salários pagos no segmento — que hoje já são, em média, o dobro dos recebidos por trabalhadores da indústria — tendem a aumentar ainda mais. Falta apenas o Estado acelerar a implementação do parque, que há anos enfrenta dificuldades para sair do papel. (DA)

Prejuízos

A economia do DF deixa de movimentar pelo menos R\$ 5 bilhões por ano sem o Parque Digital. O centro criará 20 mil empregos diretos e outros 60 mil indiretos. Pelo menos 2 mil empresas ocuparão o lote principal do espaço.

Palavra de especialista

Falta uma política

“As diretrizes para impulsionar a indústria do Distrito Federal já existem. Os estudos estão prontos. Mas até hoje nunca tivemos uma política industrial. Acredito em um cenário positivo para o setor daqui a 10 anos somente se o governo deixar de oferecer soluções paliativas e fizer algo de concreto. Será uma ques-

tão de sobrevivência. Se não forem adotadas ações efetivas, a indústria de Brasília perderá cada vez mais competitividade e acabará sendo engolida. Caso isso ocorra, a cidade pagará o preço com um maior inchaço do Entorno, o desemprego aumentando e os serviços públicos de saúde, segurança e educação ainda mais comprometidos com a pressão de moradores das cidades vizinhas.”

Diones Cerqueira, economista-chefe da Fibra